

Entrevista de Joana Emídio Marques a Raquel Nobre Guerra.

Joana Emídio Marques — Poesia quando e porquê?

Estudei num Colégio de freiras, até ir para a Faculdade, onde era quase tudo pecado e proibido. Andávamos direitas e fardadas e não se podia sentar nas escadas, nem apanhar abrunhos. Fazia-se tudo às escondidas.

JEM — Escolheste a poesia, o que não é nada óbvio num tempo viciado em histórias... o que é que encontras na poesia, na forma como a poesia fala e a quem fala que te fez optar por ela como modo de tradução / expressão do teu universo criativo?

Não sei responder a isso, mas gosto de hemorragias.

JEM — Como te nasce o poema? De que buraco, de que memória, de que imagem...

Uma vez, no Colégio, puxei o hábito a uma freira. Foi um impulso cruel mas inocente de resolver à força uma certa perturbação de sentido e do mistério que aquelas cabeças de pano nos faziam. Talvez tenha sido aí que compreendi o vigor do símbolo e a intensidade com que desejamos o que está sob e sobre. Neste caso, o meu poema é arrependido porque a irmã era careca.

JEM — A minha palavra incessante... é incessante a tua palavra interior, intermitente, como geres, quando escreves, ou seja quando é que dás forma àquilo que vais construindo interiormente?

A isso respondo com a Pizarnik: «Yo no quiero decir / yo quiero entrar».

JEM — O poema, porque trabalha com os símbolos, latências, indizíveis é , talvez, a que mais precisa do Outro para se completar, como geres esse Outro a quem te diriges?

O poema é o «lugar» que deixamos para ser ocupado por outro. Nós somos esse lugar e esse outro. (Passou-me há dias uma imagem pelos olhos, de um cartaz na rua, escrito à mão e encostado a um poste que dizia: “Senhor livra-nos das imagens”. É isso.)

JEM — Quais são os temas, as ideias, etc... em torno dos quais se constrói o vosso último livro?

Este primeiro livro funcionou como uma gafaria onde fui reanimando, cuidando e largando os lazarentos, até chegar ao lugar frio das cinzas. Nele trabalho (e tiro férias) sobre a memória, a desistência, a morte das coisas, disto, da adolescência em Valparaíso, do amor na Praça da Alegria, do deslumbramento sem objecto.

JEM — Quem são os vossos mestres e qual a natureza da vossa relação com eles?

Mestres não tenho, mas tenho por companhias doutoras: uma canção do R. S. Howard na Graça, ou um António José Forte no Pontão do Cais do Sodré. Depois as estações terminais: o Fernando Pessoa, o Walt Whitman, o Rimbaud, o Borges, o Pound, a Plath, o Nava, o Belo, o

Faria, o Cesariny, o Panero, o Michaux, o Cioran, etc — O Joyce do Ulysses que nunca li. O Chico Buarque. A relação é sempre obsessiva.

JEM — Editar. Um imperativo, uma demanda, um acaso?

Era inevitável largar o moribundo.

JEM — Como imaginam o futuro da poesia (que lida com outras formas de tempo, que pede outro tempo e outras formas de relação com a palavra e a imagem) quando tudo se parece encaminhar para uma progressiva imediatização, e automatização?

“Gostava tanto de mexer na vida” — Mário de Sá-Carneiro, Últimos poemas.

. — com Rosalina Marshall e 4 outras pessoas.